

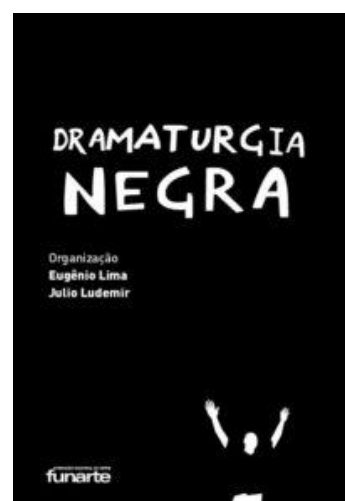


Bote reparo no teatro negro, viu?

Edson Santos Silva¹

Resenha de: LIMA, Eugênio; LUDEMIR, Júlio. (orgs.) *DRAMATURGIA NEGRA*. Rio de Janeiro: Funarte, 2018.

A cena teatral brasileira, que esteve longo tempo restrita ao Rio de Janeiro e a São Paulo, tem sido tomada por uma lufada de espetáculos que mostram a potência da Dramaturgia Negra em vários palcos brasileiros. Há quem diga, aliás, que a renovação cênica desse tipo de teatro veio para ficar. Nesse sentido, basta lembrar o frenesi que aconteceu no Sesc Belenzinho, entre os dias 24 de janeiro e 02 de fevereiro de 2020, com o vigoroso espetáculo baiano *Pele Negra, Máscaras Brancas*, encenado pela Companhia de Teatro da Universidade Federal da Bahia (UFBA), baseado na obra homônima de Frantz Fanon e dirigido por uma mulher negra, Onisajé.



Antes desses eventos, há ao menos dois fatos fundamentais que impõem a participação negra nas artes cênicas, não como objeto e sim como sujeito. O primeiro foi a criação do *Teatro Experimental do Negro*, TEN, que realizou uma virada histórica entre 1944 e 1961. Por meio do TEN, a vontade do negro de fazer teatro tomou corpo, gerando um número expressivo de grupos, dramaturgos, espetáculos e performances que percorreram palcos de todo o Brasil. O segundo fato é que a despeito da pujança do *Teatro Experimental* foi necessário esperar mais de meio século para ver surgir uma coletânea de peças de teatro, cujo título é *Dramaturgia Negra*, que reúne apenas dramaturgos negros e com um número significativo de dramaturgas. A obra é dedicada a nomes que possuem relevância na luta por uma dramaturgia que dê voz ao negro, posto que como temática sempre esteve presente nas artes brasileiras, e não seria diferente nas artes cênicas; mas como agente e protagonista essa participação sempre esteve ancorada numa *ilusória noção de sujeito*, como bem assinala Leda Martins².

A obra *Dramaturgia Negra* é dedicada a Abdias do Nascimento, Heloísa Buarque de Holanda, Ilana, Teresa, Oswaldo (e à eficiente turma da Funarte). Vale destacar na Dedicatória o nome de Abdias do Nascimento, criador do *Teatro Experimental do Negro*, o TEN. Para Abdias, o Teatro Negro teve em seu nascedouro o objetivo de introduzir o

¹ Pós-Doutor em Literatura Portuguesa, professor adjunto da Unicentro/I)

² MARTINS, Leda. *Cena em Sombras*. São Paulo: Perspectiva, 1995.

herói negro com seu potencial trágico e lírico nos palcos brasileiros e na literatura dramática do país. E quem eram esses heróis negros? Eram empregadas domésticas, típicas mulheres negras, nas palavras de Abdias. Além delas, muitos trabalhadores e negros modestos, alguns analfabetos que se transformaram em atores dramáticos de alta qualidade. Com esses heróis negros, teve fim um costume no teatro brasileiro, que era o de pintar de preto a cara de atores brancos para interpretar personagens negros. Uma outra mudança de paradigma se deu com o fato de a imagem tradicional da pessoa negra só aparecer em cena de forma estereotipada, ou seja, geralmente como empregados domésticos. Para possibilitar que o negro se tornasse personagem de proa nos palcos, o TEN organizava e patrocinava cursos, conferências nacionais, concursos e congressos, dando oportunidades para que os afro-brasileiros pesquisassem, discutissem e trocassem informações e experiências.

Coube ainda ao TEN estabelecer uma revisão crítica da tendência prevalente dos chamados estudos acerca do negro e sua cultura. O *Teatro Experimental do Negro* foi, portanto, um laboratório teatral de experimentação cultural e artística, com o fito de desmascarar a hipocrisia racial, que, nas palavras de Abdias, *permeia a nação*.³ Com efeito, a observação que segue ao nome de Abdias do Nascimento na Dedicatória – *o começo de tudo* – dá conta do débito que os organizadores da obra *Dramaturgia Negra* creditam a ele. Miguel Proença, Presidente da Funarte à época da publicação da obra, apresenta na orelha do livro algumas características.

Todas as peças que compõem a coletânea foram representadas com grande sucesso de público em diversas cidades brasileiras nos últimos anos; tais peças foram escritas por negros, encenadas por atores e diretores quase sempre negros e assistidas por plateias compostas em grande parte por negros. Ainda segundo Proença, a publicação do livro deve ser motivo de celebração, uma vez que representa uma conquista dos negros, que têm sido historicamente alijados dos processos de legitimação cultural do país. É também motivo de celebração porque os artistas negros ocuparam seus lugares nos palcos brasileiros, apesar de todas as barreiras impostas pela cor da pele. Cioso de que a experiência da leitura é formadora, o presidente da Funarte arremata e finaliza suas palavras chamando a atenção para duas questões. Primeiramente, saúda os novos consumidores de cultura que ocuparam seus assentos nas plateias de todo Brasil; pede que doravante leiam e releiam as peças que viram nos palcos e, por fim, assevera que o livro *Dramaturgia Negra* é um convite para pessoas de todas as cores, que se depararão com uma leitura instigante de uma rica e variada porção de nossa produção dramática contemporânea, que se tornará parte indissociável da herança cultural do país.

A organização da obra ficou a cargo de Julio Ludemir, Diretor da Festa Literária das Periferias/Flup, e Eugênio Lima, Curador responsável pela seleção dos textos. Na organização, chamam atenção ao menos três aspectos. O primeiro deles é a convicção de que a periferia brasileira é um espaço negro. O segundo, a periferia negra para se ver no palco criou o *black money*, com o qual os negros estão priorizando as montagens de seus próprios irmãos, e foi por meio desse mecanismo que se deu o grande sucesso,

³ NASCIMENTO, Abdias. *O quilombismo: documentos de uma militância Pan-africanista*. São Paulo: Perspectiva, 2019.

por exemplo, do espetáculo *Cartola*, e que se ramificou para a venda de livros, como os de Lázaro Ramos e Djamila Ribeiro, dois casos de mercado editorial que não se abateram diante da crise, que fez várias editoras fecharem. Mas o *black money* ainda migrou para a moda, as Artes Plásticas e os festivais. Por fim, a apresentação deixa claro que a obra é fruto das ações afirmativas implementadas na primeira quadra deste século, sobretudo por meio de cotas, e permitiu dessa forma que uma primeira geração de intelectuais e artistas afrodescendentes se apossassem das armas da educação, única arma de mobilidade social para um país, e pudessem criar toda uma gama de textos teatrais que em boa hora vêm a público.

Aldri Anunciação, Cristiane Sobral, Dione Carlos, Grace Passô, Jé Oliveira, Jhonny Salaberg, Jô Bilac, José Fernando Peixoto de Azevedo, Leda Maria Martins, Lícínio Januário, Luh Maza, Maria Shu, Rodrigo França, Rudinei Borges dos Santos, Sol Miranda, Viviane Jughero apresentam em seus textos uma espécie de roda de xirê, que nunca deixar a gira parar. Uma gama de vocabulário urgente e necessário são postos em cena: desterritorialização, diáspora negra, fluxos, contrafluxos, autorxs negrxs brasileirxs, etc. É o corpo negro que se expande, que toma forma e que agora enfim pode falar, pode se expressar. A luta foi e segue sendo árdua. Se é possível pensar em uma síntese para a grande beleza da obra é que ela se utiliza das impossibilidades para criar as múltiplas narrativas de um povo negro brasileiro que sempre soube que o passado ancestral, como diria Dione Carlos, é o futuro.